

A retomada econômica das Américas via *nearshoring*

Victor Cabral

O Fundo Monetário Internacional destaca possibilidades de recessões globais em 2022 e 2023, impactando sobremaneira a retomada econômica das Américas pós-pandemia de COVID-19, região atualmente afetada pelos impactos do conflito na Ucrânia. A possibilidade de fortalecimento da economia regional foi aventada antes da pandemia, quando o governo de Donald Trump renunciava uma guerra comercial à China e demonstrava a necessidade de os Estados Unidos (EUA) retirarem sua cadeia de suprimentos da Ásia-Pacífico. A solução estaria no deslocamento dessa para as Américas, em uma prática chamada “*nearshoring*”. Cabe questionar seu funcionamento, benefícios e desafios.

A administração Trump enxergou o *nearshoring* como uma saída à dependência da cadeia de suprimentos estadunidense à Ásia-Pacífico. À época, o México – vizinho territorial e com sólido histórico de comércio com os EUA –, foi visto como substituto dessa cadeia, com a possibilidade de receber vultosos investimentos para expansão industrial e ter suas finanças alavancadas. Se bem-sucedido, o *nearshoring* poderia transbordar para outros países das Américas Central e do Sul, que possuíssem capacidade produtiva ociosa ou capaz de expandir-se. Os EUA beneficiar-se-iam pela redução logística e estabilização da cadeia de suprimentos regional. Contudo, críticos do presidente mexicano, López Obrador, indicam que ele deveria atrair mais capital financeiro internacional ao seu país, facilitando interesses estadunidenses.

O *nearshoring* seria útil para reverter a desindustrialização das Américas das últimas três décadas, a dependência do comércio exterior nas *commodities* e a vulnerabilidade econômica externa a eventuais recessões. Isso ocorreria pelo incremento de investimentos estrangeiros e industriais nos países; aumento das exportações e expansão das reservas internacionais em dólar, vitais para estabilidade econômica em cenários de crise externa. Entretanto, não ocorreram grandes investimentos governamentais e privados no *nearshoring*. Isso, devido ao cenário de incerteza financeira para os próximos meses, dificultando a ampliação de infraestruturas portuárias e em suas conexões ferroviárias e rodoviárias, necessárias ao processo.

Em junho de 2022, na Cúpula das Américas, esperava-se que o presidente estadunidense, Joe Biden, lançasse o *nearshoring* como política econômica regional sob liderança de Washington, mas isso não ocorreu. Inclusive, seu governo promove benefícios fiscais à entrada de empresas estrangeiras, dificultando os trâmites e parcerias com outros países americanos, em uma prática “*anti-nearshoring*”, além de não reduzir a distância logística de sua cadeia de suprimentos, ainda na região Ásia-Pacífico. Assim, demonstra-se que o *nearshoring* poderia ser uma alternativa às fragilidades impostas pelas crises; entretanto, a política já se mostra debilitada e enfraquecida antes mesmo de formalmente negociada pelos líderes do continente americano.



## REFERÊNCIAS

- **A retomada econômica das Américas via *nearshoring***

O'NEIL, Shannon K. [Por que a globalização não beneficiou a América Latina - e como a região pode reverter isso agora](#). *Americas Quarterly*, 26 jul. 2022. Acesso em: 19 ago. 2022.

STOTT, Michael; MURRAY, Christine. [Why Mexico is missing its chance to profit from US- China decoupling](#). *Financial Times*, 03 jul. 2022. Acesso em: 26 jul. 2022.